

## Pedagogia Social: possibilidades e práticas includentes

Margareth Martins<sup>1</sup>

Flávia Monteiro de Barros Araujo<sup>2</sup>

### Resumo

O estudo apresenta reflexões acerca da pedagogia social, construídas a partir da vivência em escolas e do contato com educadores que desenvolvem práticas militantes. O texto destaca ainda a necessidade de transformações na formação de professores, no currículo e na avaliação escolar, tendo em vista a promoção de uma escola democrática e inclusiva.

**Palavras-chave:** Pedagogia Social; Desigualdade Escolar; Educação; Inclusão.

### Resumé

L'étude présente des réflexions sur la pédagogie sociale, construit à partir de l'expérience dans les écoles et les contacts avec les enseignants qui développent des pratiques militantes. Le texte souligne également la nécessité de changements dans la formation des enseignants, les programmes et l'évaluation scolaire, en vue de promouvoir une école démocratique et inclusive.

**Mot-clé:** Pédagogie sociale ; École des inégalités, Éducation; Inclusion.

---

<sup>1</sup> Margareth Martins é doutora em educação e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. ([margarethmartins1@oi.com.br](mailto:margarethmartins1@oi.com.br)).

<sup>2</sup> Flávia Monteiro de Barros Araujo é doutora em educação e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. ([fmbaraujo@hotmail.com](mailto:fmbaraujo@hotmail.com)).

## Pedagogia Social: possibilidades e práticas includentes

Margareth Martins

Flávia Monteiro de Barros Araujo

### Considerações iniciais

Muitos anos de imersão em escolas da Rede Pública Estadual na Baixada Fluminense (RJ) como professoras e pesquisadoras, são capazes de nos formar, nos ensinar sobre o *modus vivendis* dos que nela habitam. São histórias e memórias de um povo frequentemente esquecido pelas políticas públicas e alvo do descaso governamental. São pessoas oriundas de várias partes do Brasil, mas, principalmente, da região nordeste do nosso país. Pobres, desacreditados que lutam cotidianamente, sobrevivem como podem, ao ardor do preconceito, da exclusão, da invisibilidade. Neste processo, constroem as estratégias possíveis num cotidiano adverso onde casa, comida, saúde e educação parecem, muitas vezes, luxos distantes.

A Baixada Fluminense é localizada em um dos estados mais ricos da federação, o Estado do Rio de Janeiro. Nesta região, constituída por 13 municípios,<sup>3</sup> onde circulam aproximadamente 3,5 milhões de habitantes, afirma-se uma interessante diversidade cultural e social, num cenário marcado pela desigualdade social e educacional. De acordo com pesquisas sobre esta área:

Pode-se dizer que a baixada é uma região de grande porte populacional e, também, no que diz respeito à extensão territorial, onde a maioria de seus municípios apresenta altos índices de urbanização. Contudo, é uma região em que praticamente a metade dos domicílios ganha até dois salários mínimos e apresenta um nível de escolaridade precário, uma vez que a maioria possui até 4 anos de escolaridade. (SILVA, 2007, p.41)

O dia a dia em escolas na região, ao lado de nossa atuação em cursos e diversas modalidades de formação continuada alimentaram as considerações apresentadas

---

<sup>3</sup> A Baixada Fluminense é formada pelos municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti, Mesquita, Nilópolis, Itaguaí, Seropédica, Magé, Belford Roxo, Queimados, Guapimirim, Paracambi e Japeri.

neste ensaio. O contato com docentes e escolas que, mesmo marcadas pela precária infraestrutura, buscam desenvolver práticas inclusivas, nos alertou para a importância e para as possibilidades da Pedagogia Social, caracterizada pelo comprometimento e pela militância dos professores em prol de alunos oriundos das camadas populares. Neste texto, apresentamos, a seguir, algumas reflexões nascidas das experiências nessa região marcada pela desigualdade e exclusão escolar.

### **Da prática à práxis: alguns fundamentos para uma pedagogia militante**

A senhora não está entendendo professora: aqui é chapa quente todos os dias. (D. Iolanda)<sup>4</sup>

A fala acima, reveladora do cotidiano de muitas pessoas que residem no bairro onde está inserida uma das escolas públicas por nós acompanhadas, é de D. Iolanda, mãe de Marcos, aluno que frequenta o segundo ano do Ensino Fundamental. Trata-se de um bairro dividido por duas facções rivais do crime organizado, que orquestram verdadeiras “guerrilhas urbanas”, sequer acompanhadas pelo poder público governamental. Espaço geográfico dividido por uma linha férrea, a área constitui-se em forte abrigo para práticas da violência como toque de recolher, tiroteios frequentes, assaltos, proliferação de pontos de vendas de drogas, enfim, lugar onde muitas vidas são ceifadas, traumas são sofridos, pessoas são aterrorizadas com frequência. Raramente encontramos uma família que não tenha perdido um de seus membros.

É com esse grupo de seres humanos que trabalham as escolas por nós acompanhadas. São crianças e familiares sobreviventes de processos permanentes de fome, perigo e exclusão. Paulatinamente, fomos nos conscientizando de que precisávamos entender as crianças advindas desse tipo de risco social, pois elas estavam chegando, cada vez mais, aos bancos escolares, com suas vidas marcadas pela

---

<sup>4</sup> Empregamos nomes fictícios para resguardar a identidade dos informantes.

dor, com dificuldade de concentração e, acima de tudo, vendo a escola, em inúmeros casos, como a única saída.

Em nossa convivência nestas escolas da Baixada Fluminense, a todo o momento nos perguntávamos se os educadores tinham consciência do que se passava no bairro, de como seus alunos e familiares estavam fortemente influenciados pela situação e, se ao terem consciência, como se preparavam para com eles lidar. E mais, se tinham aproximada noção dos desdobramentos pedagógicos oriundos daquela situação. Certamente, esta não era uma lição ministrada nos Cursos de Formação de Professores.

Pudemos perceber que a realidade excludente e desigual da Baixada Fluminense ao longo de muitos anos, criou uma demanda muito específica para a educação e, em especial, para os educadores que, inconformados com o cenário educacional, buscam desenvolver uma práxis transformadora. Referimos-nos aos docentes que procuram agir em prol dos grupos excluídos, buscando assegurar sua permanência e sucesso no aparelho escolar.

Não é difícil detectar o esforço destes educadores que, apesar das condições precárias de trabalho, desenvolvem práticas que promovem o sucesso educacional. Em muitas escolas, registram-se movimentos que buscam instituir um fazer diferente. São projetos interdisciplinares, grupos de estudos, oficinas, clubes de leituras, estratégias de reforço, entre outras iniciativas desenvolvidas por docentes que procuram elevar a escolaridade da população e tempo de permanência do aluno na escola. Mas, apesar de todos os esforços, algo vai mal, vai muito mal... O que ocorre dentro dessa caixa preta chamada escola?

Há muitas décadas, o fracasso escolar é objeto de estudos que procuram compreender os fatores que corroboram para esta problemática. Estes estudos ganharam força, sobretudo a partir dos anos de 1960 quando diversas pesquisas realizadas com apoio dos governos inglês, americano e francês, evidenciaram o peso da origem social sobre os destinos escolares. Estas investigações contribuíram para minar o otimismo pedagógico e alimentar dúvidas sobre o papel equalizador da escola. Nesta direção, as pesquisas desenvolvidas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu<sup>5</sup> evidenciaram a relação entre os processos de escolarização e a reprodução das desigualdades sociais. Fugindo de pretensões deterministas, Bourdieu (1964) produziu um interessante arsenal teórico que nos permitiu compreender a ausência de neutralidade da escola e os meandros de sua atuação em prol da disseminação da cultura de grupos

---

<sup>5</sup> Entre as obras deste autor destaca-se *Les héritiers*, elaborada em parceria com Jean Claude Passeron, em 1964, a primeira obra do autor dedicada à educação.

dominantes. O foco do autor era a compreensão das desigualdades escolares. Para além dos fatores individuais, ou da falta de dom, Bourdieu assinalou a relação entre o fracasso escolar e processos sociais mais amplos que garantiriam, de forma sutil, a manutenção das estratificações e divisões de classes necessárias ao bom funcionamento do sistema capitalista. O conceito de capital cultural constitui uma *categoria analítica importante* que nos auxilia a compreender as desigualdades dos grupos escolares diante da escola e da cultura, na medida em que a

posse desse capital permitiria o acesso a percursos escolares marcados pelo sucesso e pela distinção, legitimando, pela via da escola, um patrimônio familiar – a cultura – transmitido por herança às futuras gerações entre famílias de classe social favorecida. (CUNHA, p.25)

A sociologia de Bourdieu, muitas vezes apropriada de forma reducionista, nos permitiu desvelar processos e desnaturalizar o cotidiano de nossas escolas, caracterizadas nas áreas periféricas pelo fracasso de muitos alunos. Este sociólogo nos ensinou ainda a importância de uma ciência engajada. Como assinalou Bourdieu: *La sociologie ne vaudrait pas une heure de peine, si elle devrait un savoir d'experts reserve aux experts.* (1988, p.7).

Os estudos de Bourdieu, em diálogo com a pedagogia social, nos fornecem pistas sobre um possível caminho a ser percorrido pelos educadores sociais e nos instiga e inspira a refletir sobre o quanto ainda precisamos trilhar para colocar a escola a serviço das camadas excluídas da nossa sociedade. Resta-nos indagar: Queremos realmente abraçar esta causa? Responsabilizar-nos por eles? Queremos mergulhar por inteiro neste fluxo de aprendizado reflexivo?

Trabalhar na direção apontada por Bourdieu é “nitroglicerina pura”, uma vez que, mexe ao contrário, com a roda da história e põe a escola a favor dos excluídos, colocando por terra muitas teorias tradicionais da educação, que acreditam ser a pobreza fator determinante do fracasso escolar. É dizer para todos em bom tom que, apesar da extrema pobreza, as crianças em situação de vulnerabilidade são capazes de aprender, de obterem o sucesso escolar projetado apenas para as crianças da classe social dominante.

Aproximando-nos um pouco mais da realidade e com ela convivendo na tentativa de compreender as dinâmicas que se estabelecem para a sua construção, é possível detectar que a boa formação por parte dos professores não é suficiente para atender a demanda oriunda de uma sociedade desigual como a nossa.

Neste contexto, é preciso superar nossa condição de “bem intencionados e bem formados” para alçarmos vôo na direção de uma pedagogia que consiga dialogar

com o fruto da exclusão e da desigualdade, as quais a escola está exposta. Sabemos que não é uma tarefa fácil, porém por mais árdua que seja sempre há, ao menos, uma saída e, quando muitos refletem sobre determinados condicionantes, alternativas de superação são encontradas. É olhando para as mesmas escolas que percebemos este fato. É a contraparte de um sistema espoliador e gerador de desigualdades. A saída se encontra na própria escola que sofre e se debilita, mas também se (re)ergue ao se reconhecer como portadora de possibilidades de transformação.

A construção de uma pedagogia da superação não passa apenas pelo esforço de um educador ou de uma escola isolada, passa também, e principalmente, pelo esforço do conjunto de educadores que buscam dar sentido a uma opção e ação profissional a partir da reflexão sobre suas práticas, do conhecimento local e, acima de tudo, da aceitação de seus alunos, suas famílias e do contexto de emergência no qual estão inseridos; é preciso como nos diz Maturana (2010): “Aceitar o outro enquanto legítimo o outro.” Vejam bem: é um projeto de vida e não apenas uma opção pelo magistério, é acima de tudo e antes de tudo um processo de auto-aceitação, de auto-conhecimento e auto-libertação. Fora deste tripé, dificilmente conseguiremos educadores que, apesar de morarem em outros municípios – fato que ocorre com muita frequência na Baixada - são capazes de compreender a importância da sua participação na vida da escola, dos alunos, das famílias e do próprio Município em e com quem trabalham. Trata-se, antes de tudo, da busca de um sentido para permanecer com dignidade no magistério apesar das condições aviltantes em que se encontram.

### **A educação como militância: superando o mal estar docente**

Vera é educadora há doze anos em uma escola do primeiro seguimento e constantemente a ouço dizer: “Quando ouço a música do Fantástico no domingo à noite, começo ficar deprimida.” A trilha musical lembra o retorno ao trabalho na segunda, à situação de desconforto que gera angústia. A professora expressa o que Novoa (1997) denomina de mal estar docente, um sentimento negativo vivenciado pelos docentes que, pressionados pelo aumento das exigências, vivenciam o

desprestígio, os baixos salários e a precariedade das condições de trabalho. A expressão mal estar docente foi cunhada por Esteves (1994) que ressaltou como as difíceis condições laborais dos professores os afetam, produzindo insatisfação profissional, elevado nível de *stress*, absentismo, falta de empenho em relação à profissão, desejo de abandonar a carreira profissional e, em algumas situações, estados de depressão.

A convivência nas escolas permite perceber o exercício da militância de muitos educadores que não desistem da profissão, da educação, da escola e de si mesmos, do autoconhecimento e da autolibertação para o exercício de um magistério coerente com os princípios da condição humana. É um aprendizado incansável através do qual, muitos, adoecem, na tentativa de superação das adversidades a que estão expostos. O relato acima é revelador da condição de extrema violência emocional que um profissional pode passar para conseguir sobreviver ao seu trabalho e a tudo o que este representa. Uma vez abalada a saúde mental, poderá haver pouquíssimas chances de obtenção de sucesso, de coerência entre suas ações e de realizar o sonho de contribuir para que seus alunos efetivamente aprendam.

Para sorte de todos nós, o relato acima apesar de permear boa parte das escolas e habitar o inconsciente de muitos educadores, não é impeditivo da construção de uma educação que permita para além do aprendizado, a formação de um quadro, por nós denominados de *educadores-militantes*. São profissionais que, independente de estarem ou não em sala de aula, trabalham na escola, compreendem seu papel na luta pela superação da opressão a qual todos estamos expostos. São profissionais que lutam pela sobrevivência da escola apesar dos indignos salários que percebem ao final de cada mês. Fomos aprendendo com eles que o exercício do magistério, como militância, não tem preço, pois não há salário que pague a carga-horária de trabalho de seres humanos visceralmente comprometidos com o que fazem.

Trabalho político, integrado, coletivo, plural... Não o aprendemos nos livros escolares; é aprendido no livro da vida cotidiana, por meio do exercício reflexivo sobre o vivido e da elaboração séria de planejamentos competentes, aliados ao desempenho cada vez mais adequado às necessidades de todos que buscam a escola como um

espaço capaz de promover aprendizados fundamentais para a vida. Dentro desta perspectiva, a escola passa a ser não apenas um espaço de embates teórico-prático, mas também, político.

A situação é extremamente complexa, pois se de um lado temos os educandos e suas famílias sobrevivendo abaixo da linha da miséria, por outro lado encontramos professores com situação econômica indesejada e longe de corresponder ao seu verdadeiro valor. É preciso então combinar esses fatores e transformá-los em força motriz para a resistência pedagógica, fazendo da escola um local de possibilidade de sucesso. É exatamente neste contexto, neste cadinho pedagógico, que emerge a Pedagogia Social como possibilidade de ressignificação da escola, de seus atores sociais e de suas próprias funções junto à sociedade.

Compreendemos por Pedagogia Social aquela pedagogia visceralmente comprometida com o sucesso escolar de todos os alunos, independente de sua origem social, econômica ou étnica, que entra em ação como uma alternativa pedagógica capaz de abraçar seus educandos, não apenas a partir das dificuldades apresentadas dentro da escola, mas, também, na vida fora da dela. Ao considerar a vida cotidiana dos educandos, volta-se para ela, para com ela aprender como ensinar mais e melhor. Ao abraçar o educando com toda a complexidade da sua existência, ou boa parte dela, a escola passa a ganhar um novo sentido para todos, superando o estado de limitação no qual se encontra imersa.

O educador social é aquele profissional da educação que consegue conceber que não é o único a contribuir com o processo educacional. Ele desenvolve uma *escuta sensível* (Barbier, 2004) e é capaz de chamar para uma roda de conversa sobre a educação na escola em que atua o faxineiro, o professor, o diretor, o comerciante e o prefeito.

Assinalamos, contudo, que não existem “receitas de bolo”; cada caso é um caso, cada educando, um educando. Aprender a lidar com o devir, o não planejado, o aleatório é uma das primeiras tarefas a ele imposta. Falamos sobre uma metodologia oriunda das inúmeras iniciativas em busca de acertos. O pedagogo social aprende com os educandos, seja da idade que for, a com eles lidar e coloca a favor deles toda sua experiência. Sem medo e sem vergonha de se colocar permanentemente no lugar

daquele que aprende. Não existem fórmulas mágicas e metodologias capazes de ensinar a todos e, muito menos, ao mesmo tempo. O que existe é um rigoroso e permanente exercício reflexivo como método de trabalho. A concepção do educador-pesquisador se constitui a marca do educador social.

### **Sem a pretensão de concluir...**

A Pedagogia Social aponta para a necessidade de outra formação de professores, capaz de produzir educadores com perfil diferenciado, comprometido com a realidade excludente na qual as escolas brasileiras estão inseridas. Falamos da formação de um profissional que, para além da competência pedagógica, seja humanizado e coloque a frente do rigor educacional metodologias capazes de construir significados diferenciados dos existentes. Trata-se da necessidade de construção de um novo currículo não apenas para a formação de professores, como também para as escolas que atendem atuar junto às crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Necessitamos também de outro modelo de avaliação, que seja incluyente, capaz de olhar o educando a partir do que ele já sabe para com ele caminhar na direção do por ele ainda não sabido. Uma avaliação de fortalecimento de vínculos, em que educador e educando não sejam vistos e tratados como se estivessem em lados opostos e sim, como integrantes de uma mesma realidade, capazes que são de desfrutar da riqueza existente na descoberta do pertencimento de um mesmo processo, de uma mesma realidade.

Partilhamos da concepção de Kurki (2006), ao afirmar que a Pedagogia Social é a Educação que visa provocar e fortalecer os processos de autoconhecimento, de autoeducação, de conscientização e de transformação, tanto na vida dos indivíduos quanto nos grupos e comunidades.

Afirmamos ainda que a Pedagogia Social é inclusiva, por estar voltada principalmente para os grupos menos favorecidos da sociedade, por se colocar à disposição das reflexões acerca da vulnerabilidade social que atinge determinadas crianças e seus

familiares.

Paulo Freire, um dos mais importantes educadores brasileiros, contribuiu com suas reflexões para a Pedagogia Social. Nele encontramos inspiração e orientação para o nosso trabalho, sobretudo, quando ele afirma que o homem não deve ter um papel passivo frente ao mundo, e sim conscientizar-se e transformá-lo (FREIRE, 1983). Eis o nosso desafio, eis a nossa função.

A Pedagogia Social, por sua vez, se traduz na pedagogia que pensa e considera o ser humano inserido em seus contextos históricos, políticos e sociais. Concebe o fazer pedagógico a partir deste tripé para com ele ensinar mais e melhor a todos. Pedagogia Social, Pedagogia da Esperança, Pedagogia da Autonomia, importantes vertentes educacionais que se entrelaçam em uma mesma perspectiva: a de tornar possível a escola que, ainda, para muitos se mostra impossível.

Detectamos, ainda, a necessidade de uma nova forma de administrar as escolas públicas, que dê subsídios para o seu funcionamento, possibilidades para que elas possam gerir financeira e pedagogicamente o processo educacional. Precisamos, portanto, de políticas educacionais de inclusão, que evitem a desigualdade e amparem a comunidade escolar. Este modelo de escola já existe, basta olhar as ações de sucesso produzidas por educadores que “tiram do nada do infinito”,<sup>6</sup> pois os mesmos motivos que podem nos levar ao “fundo do poço” também são capazes de nos transformar.

---

<sup>6</sup> “Tirar do nada do infinito” é uma frase cunhada por P., discente da rede pública que integra uma classe composta por alunos repetentes que cursam o mesmo ano de escolaridade por mais de três anos.

## Referências Bibliográficas

CRUZ, Frederico Alan de Oliveira. Desempenho educacional e renda domiciliar: análise do IDEB dos municípios da Baixada Fluminense. **Vivências**. Vol.8, N.14: p.92-99, Maio/2012.

BOURDIEU, P. **Questions de sociologie**. Paris: Les éditions de minuit, 1988.

\_\_\_\_\_, PASSERON, Jean-Claude. **Les héritiers: les étudiants et la culture**.

Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.

CUNHA, Maria Amália de Almeida. O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. Florianópolis, **PERSPECTIVA**, v. 25, n. 2, 503-524, jul./dez. 2007.

ESTEVE, J. M. **O mal estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Coleção O Mundo, Hoje. v. 21. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na Educação e na POLÍTICA**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

A. Nóvoa (coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

SILVA, Daniela S.G. **Construção de indicadores de condições de vida através da análise multicritério: estudo aplicado aos municípios da Baixada Fluminense**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Escola Nacional de Ciências Estatísticas. 2007.